

MAURÍCIO ADINOLFI

DA ARTE E DA PAISAGEM

O HOMEM INUNDADO

A apresentação teve como base o livro de artista intitulado Homem Inundado, desenvolvido durante a pesquisa de doutoramento de Adinolfi. Um livro em fluxo narrativo contínuo relacionado aos processos e procedimentos que abarcam os últimos cinco anos dedicados à pesquisa e produção de instalações, site specifics e pinturas. Tais práticas estão voltadas à investigação de questões estruturais e matéricas associadas à experiência com a construção naval e com comunidades litorâneas em diversas partes do Brasil e Portugal, e abordam situações críticas decorrente das transformações sociais e exploração regional.

Sua estrutura está baseada na diagramação e espaçamento entre texto, caracteres e imagens, interferindo no movimento de leitura e afirmando a linguagem como construtora de sentido - enquanto signo, letra e palavra - buscando na experiência estética um questionamento existencial.

O texto se caracteriza como uma prática de fragmentação, de uma multiplicidade dos grupos composicionais, junto a certa assimetria de ritmo, tendo por fio condutor um corpo que se inunda. Esses grupos se desenvolvem de forma ensaística, concomitante à influência da montagem dramatúrgica, com prólogo, atos e epílogo. As imagens variam de tamanho e espacialização, e os blocos de texto afirmam uma fisicalidade do verbo outorgando ao livro uma corporeidade objetual.

Foram apresentados os processos e procedimentos de trabalho, principalmente partes referentes à criação no litoral do Porto, junto com leitura de trechos da obra, assim como projetados três vídeos que fazem parte do livro, estando organizados no prólogo, Ato VI e prelúdio, respectivamente: Alvorada, Calado do Cais e Macuco-Aurora.

Alguns fragmentos presente em: http://mauricioadinolfi.com/catalogos/homem_inundado.pdf

PRÓLOGO

acordo atrasado em meio a livros e dentes perdidos
esculpia durante a madrugada meus caninos e molares
uma nova forma de poesia



USUCAPIÃO: Lúcia Quintiliano e Maurício Adinolfi.

me preocupava apenas em quais processos poderia ser preciso
cinco paredes concretas
tijolos erguidos num hiato
era tudo que me cercava
nos bolsos apenas dois dados e o resto do mundo entre os planetas
outro pivô deslocado eixo dos poetas de jardins
empilho todas as brochuras em branco
cabedal de minhas tolices

que essa cabeça entorne

tijolo sobre pedra

pedra e adubo
adobe

quero a carne da pedra

já não há mais sentimento ou pelo menos não há mais o que falar ou escrever só se diz sentimento com massa cimento ou se escreve com cascos de cavalo carapuça de tatu pelos grades fio metal farpado só se escreve sentimento com farpas cascas de frutas restos de cigarro ou se escreve com uma ponte partida ferro oxidado aço fundido – quer ver forma? não há não há palavra que resista obstinação procura de três faces não há o que contar não há história possível não sei não há não há o que consiste dizer o outro aquela pessoa aquele outro não há o que se dizer número não se pedra no torto não se pessoa não se tudo feito o linho algodão não se tecido por dentro o nome escrito no barco: travessia enquanto se navega em direção aos escolhos um grito como penhasco o sopro da gaiivota guincho de dentro é sino e sol incide perpendicular quando os fatos se tornam lenda armada estaca na areia dois palmos do céu que consta distância oito braços à ré em cruz despacho desperto armado caixote e eu passo esticado fio fino de ovelha queimado preto fascinante curva é o estalo e o desenho talhado em toda barriga a cabeça com olho mira o sol atrás está a cabeça e o corpo do cão hiena enorme e atrás ainda o peixe que se posiciona rente à nuca do lobo pelo e escama escama e pele é essa a tripulação 27 cavernas 29 metros até a proa – de que forma tocar a terra? – qual parte do corpo eleger pra tamanha responsabilidade? outro animal se aproxima não sabe bem quais patas usar qual postura tomar diante do acaso se sê bípede ou quadrúpede e no ar que tomo me aproveito da leveza envergo a espinha pra olhar ereto ou segredo o peito ao chão silêncio deslocado da captura ombros de jaguatirica atíça que me faz olhar transverso tocando a parte certa do cérebro a rotação incessante dos planetas aproximação e distância reverso e limar afiar lixar polir envolver o que toca a ponta do dente a primeira árvore cortada e escavada o signo a flutuação enfiar tudo que há pra dentro alcatrão piche coentro breu vidro e atravessar

pedir trigo e receber vão

até onde ontem

calafetar sempre

tira-me da mão a boca e me faz crescer vinte anos em sete dias mesmo que a previsão do caminho esteja além do limite das águas territoriais trezentas milhas da linha de costa subsolo marinho é como um estalo na nuca que eu me vejo criança dentro de mim um segundo rosto um exercício físico encontrar a posição correta no globo ocular uma reta perfeita retina nos dois

olhos o raio convexo entrar na curva sem ceder íris cálculo geométrico preciso
movimentação perpendicular no círculo 12.742 km da costa diás-
pora eterna atrás da pedra o verso da pedra que descamo o elixir a cada
volta a casa que construo pra pedra de gaivota em gaivota o dia se acaba é cada
guincho uma hora gasta uma gaivota morta
é
o verso da vida

MAURÍCIO ADINOLFI – 1978 – Santos/São Paulo/Brasil.
Graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e
Ciências da Unesp/Brasil. Doutor em Artes Visuais no
I.A. Unesp/bolsista Capes com a tese Estruturas: Entre
Madeira e Mar realizado em intercâmbio com a Escola
Superior de Educação/Instituto Politécnico do Porto,
Portugal.
Seus estudos se desenvolvem através da investigação
de questões estruturais, expandindo-se para o espaço

em consequência da experiência com a construção
naval e as comunidades litorâneas em várias partes
do Brasil e Portugal, tornando a madeira, a pintura
e a relação com outros profissionais o mote e
fundamento dos projetos. Estes são caracterizados
pelo vínculo com o rio, o mar e as situações críticas
decorrente das transformações sociais e exploração
regional.